

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.02.022

DO TRÁGICO AO MÁGICO: O MITO PORTUGUÊS DE INÊS DE CASTRO EM DOIS CORDÊIS BRASILEIROS PARA CRIANÇAS

*Juliana do Nascimento Araújo*¹

*Valéria Andrade*²

*Leandro de Sousa Almeida*³

RESUMO

O presente estudo é resultado das discussões empreendidas durante a disciplina *Tópicos Especiais em Teoria da Literatura: autoria de mulheres nas dramaturgias brasileira e portuguesa contemporâneas*, cursada no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). O trabalho apresenta uma análise acerca de obras literárias que tematizam o mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro mediante a autoria brasileira de obras direcionadas ao público infantil. Para o corpus do trabalho, selecionamos dois cordéis inesianos, a saber: o cordel dramático *Almas Livres* (ALMEIDA, 2022), que integra a coletânea luso-brasileira *Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (ANDRADE et al., 2022), e o cordel ilustrado *A história de Inês de Castro ou a dama lourinha que, depois de morta,*

- 1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), na qualidade de bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), julyaaraujoo958@gmail.com.
- 2 Pós-Doutora em Estudos Avançados sobre a Utopia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Portugal (ARUS/FLUP/U.PORTO), Professora no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA/UFCG) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), val.andradepb@gmail.com.
- 3 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB) e Professor de Linguagens e Códigos na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Sumé (SEDUC/SUMÉ), leandro_almeida_15@hotmail.com.

virou rainha (SOMBRA, 2011). O objetivo foi propor uma leitura de aspectos trágicos e mágicos na jornada da figura histórico-mítica de Inês de Castro, tendo como ponto de partida as ideias de Prado (1970) no tocante à análise de personagens. Esse estudo também congrega discussões pertinentes acerca da história, lenda e mito da rainha *post mortem* de Portugal do século XIV, pelo que autores como Gil (1975), Osakabe (1998), Jacoto (2008), Toledo (2008), Almeida, Andrade e Barros (2021) compreendem o corpus teórico do trabalho.

Palavras-chave: Inês de Castro, Cordel Dramatúrgico, Literatura infantil.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto das discussões realizadas no âmbito da disciplina *Tópicos Especiais em teoria da literatura: autoria de mulheres nas dramaturgias brasileira e portuguesa contemporâneas* (2023.1), ministrada pela Professora Dra. Valéria Andrade e pelo Prof. Me. Leandro Almeida, disciplina cursada no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Tratou-se de desenvolver um diálogo entre duas obras literárias que tematizam o mito de Inês de Castro destinadas às crianças brasileiras e da comunidade lusófona, ainda como possibilidade de leitura fruitiva e crítica do mito dos amores trágicos de D. Inês de Castro e D. Pedro I, reis de Portugal do século XIV. Sabemos que essa narrativa ultrapassa fronteiras espaciotemporais, razão pela qual nos propomos a analisar obras escritas nesta última década e por autores brasileiros.

Uma das obras do nosso corpus é o cordel dramatúrgico *Almas livres* (2022), de Leandro Almeida, professor e pesquisador com interesse em estudos luso-brasileiros de temática inesiana, autor da pesquisa *Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro* (Almeida, 2021). Por sua vez, o cordel ilustrado *A história de Inês de Castro ou a dama lourinha que, depois de morta, virou rainha* (2011), foi escrito pelo professor e poeta Fábio Sombra, autor de vasto repertório de obras voltadas para crianças e jovens. Ambos recontam em versos de cordel a história de Inês de Castro, fazendo uso da linguagem poética, sendo esse gênero de significativo interesse do público infanto-juvenil.

A priori, é importante sublinhar que em uma leitura frutífera do episódio trágico da história de Inês de Castro com o público infantil, à exemplo das obras destacadas nesse estudo, é fundamental transmitir a mensagem de que o amor e a paixão são essenciais, mas também destacar a importância de cumprir regras e normas da sociedade. Essa abordagem equilibrada pode ajudar as crianças a compreenderem os diferentes aspectos da história, enquanto valorizam o amor e a coragem das(os) protagonistas, focando também em aspectos culturais representados nas narrativas, capazes de proporcionar uma experiência ao mesmo tempo fruitiva e educativa.

Almeida (2022) e Sombra (2011) apresentam em formato bastante atrativo suas reinvenções contemporâneas da vida, morte e além-vida de Inês de Castro, episódio histórico que marca a história da coroa portuguesa por tratar-se de uma

rainha post mortem, tomada como protagonista de ambas as narrativas. Este ensaio suplementa a área dos estudos literários e diálogos interculturais, com ênfase nas questões de gênero à luz da jornada de Inês de Castro, representada na literatura infantil, em consonância com a proposta desta edição, em que congregam-se estudos sobre novas histórias que evidenciam o protagonismo feminino como estratégia utópica de enfrentamento contra a desigualdade de gênero, do preconceito contra mulheres e do feminicídio, temas candentes na sociedade contemporânea, que continuam a demandar soluções de caráter educativo, sobretudo em termos de sensibilização e conscientização precoce, em contextos escolares ou não.

DO TRÁGICO: PAIXÃO, MORTE E SAUDADE DE INÊS DE CASTRO

Para além da sua condição histórico-mítica e de rainha póstuma de Portugal, Inês de Castro permanece na esfera simbólica de mito imorredouro. A personagem de uma história real de amor trágico e mágico em sua interminável ressurreição a partir do momento em que é (re)contada, (re)inventada e (re)vivida em seus mais diversos contextos (ANDRADE, 2023), ultrapassa todas as fronteiras possíveis até ao fim do mundo, configurando esse sentimento deveras destemido como um amor imponente, um amor além-vida, visto que este par amoroso pudera, particularmente por obra da saudade de Pedro, mitificar a esperança de uma continuidade infinda de sua paixão na eternidade.

Em se tratando especialmente de D. Inês de Castro, fora uma donzela castelhana a quem as crônicas atribuem rara beleza, algo de destaque unânime, seja no âmbito do romance, da poesia, da dramaturgia e qualquer outra forma de arte. Não lhe custava muito para cativar membros da nobreza pelos seus muitos atributos, motivo pelo qual a pesquisadora Emilia Miranda de Toledo (2008) disserta que “aliada à beleza, Inês ainda ostentava extrema elegância, o que lhe valeu o cognome de “colo de garça” (TOLEDO, 2008, p. 117-118). Para além do colo de garça, lindos cabelos cor de ouro e olhos de esmeralda, Inês possuía, segundo consta, uma presença corpórea sem igual, cujo encanto seria, por certo, indiscutível. A dama galega, aia de D. Constança Manuel, suscitava paixões devido à sua beleza solene, atributo que fez com que o príncipe D. Pedro, sucessor do trono português, se apaixonasse por ela, mesmo em meio às contrariedades políticas, sociais e religiosas que os distanciavam.

D. Constança, por sua vez, sabia do romance entre o marido e sua aia, por quem tinha um grande apreço, razão que a convidou para ser madrinha de seu filho, o infante D. Luis, justamente por saber que este seria um laço religioso entre eles que não poderia ser rompido, impedindo que Pedro e Inês seguissem com o caso amoroso em virtude do parentesco espiritual que daquele modo se criara. Do contrário, ambos estariam cometendo um sacrilégio, sendo imprudentes com relação às leis de sua tradição religiosa. No entanto, esses laços são quebrados com o falecimento da criança em seguida ao nascimento, suscitando a liberdade de ação à continuidade da relação extraconjugal de Pedro.

Passando-se algum tempo, D. Constança também acaba falecendo por complicações pós-parto decorrentes do nascimento de outro filho, deixando livre o caminho para os amantes que puderam renderem-se por inteiro às suas paixões. Sua estada se dava longe do olhar julgador de todos, no Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, fazendo aumentar a cólera do rei D. Afonso IV que era contrário à ligação do filho com a Castro. Sabe-se que surge uma crescente censura a esta união por parte da corte portuguesa, seguida de constante pressão ao rei, pois acreditava-se que Inês, em suas ligações com o Reino de Castela, seria um perigo para a estabilidade do Reino de Portugal, gerando-se as proverbiais questões de Estado.

A essa altura, a união do casal já transcendia, portanto, o escândalo familiar para constituir-se em um eminente perigo para a estabilidade do reino. O rei, não somente pressionado por seus conselheiros, mas também categórico na sua íntima desaprovação relativa à união, ordena o assassinato de D. Inês de Castro, como diria, baseado em Razões de Estado, tais como: a ligação adúltera e quase incestuosa entre Pedro e Inês constituía um escândalo em uma corte de costumes austeros; a ambição dos irmãos de Inês, ora castelhanos, ora portugueses, representavam um perigo para a política do reino, em razão da influência que exerciam sobre D. Pedro; a vida do infante D. Fernando corria perigo e Fraco física e espiritualmente, seria facilmente eliminado pelos Castros, para que um dos filhos de Inês subisse ao trono (TOLEDO, 2008).

Certo dia, aproveitando-se da ausência de D. Pedro, que havia saído para as suas frequentes caçadas, o rei e seu séquito rumam para Coimbra a fim de fazer cumprir a sentença proferida. Assim como destaca o historiador A. Pedro Gil (1975), Inês “foi degolada pela garganta, pormenor que assinala uma execução em tudo conforme aos costumes da época, pois essa era a forma honrosa das execuções capitais, e como tal reservada aos membros da nobreza” (GIL, 1975,

p. 15-16). O autor ainda afirma que quando Pedro teve conhecimento da morte de sua amada, declarou guerra contra o pai tendo o apoio dos irmãos de Inês.

Os ânimos foram contidos pela rainha-mãe, D. Beatriz, fazendo com que os rumores de guerra fossem cessados, muito embora Pedro ainda carregasse em seu coração o desejo de vingança pela morte de sua amada. D. Afonso morreu em 1357, ano em que o príncipe ascende ao trono substituindo o monarca. Sem esquecer-se do episódio da morte de Inês, o então rei D. Pedro I ordena uma caça aos três assassinos da amada, os fidalgos D. Álvaro Gonçalves, D. Pero Coelho e D. Diogo Lopes Pacheco, a fim de concretizar a sua vingança por meio de mortes cruéis. A Pero Coelho ordenou que o carrasco arrancasse o coração pelo peito, e a Álvaro pelas costas, tudo isso enquanto ele comia um banquete, por isso o seu codinome “Pedro, o justiceiro”, ou o “Cru”.

Floreando a história, poetas como o castelhano Jerónimo Bermudez registra sua versão dramatúrgica da narrativa inesiana, incluindo cenas téticas como o provável episódio em que Pedro, levado pela emblemática saudade e pelo infundo amor e ausência corpórea da sua amada, bem como para concretizar sua promessa de vingança com ares de heroísmo, ordenou que Inês fosse retirada de sua sepultura para ser coroada rainha mesmo após seis anos de sua terrível morte (GIL, 1975).

Em meio a sua atitude ora de heroísmo, ora de vingança, o então rei obriga todos os nobres da corte a participarem da cerimônia do beija-mão póstumo da rainha sob pena de morte aos cidadãos contrários. O que Pedro fez naquele momento foi “dar matéria a saudade, perenizando Inês num trono que sendo português está, no entanto, acima das próprias vicissitudes históricas deste” (OSAKABE, 1998, p. 110). Uma paixão como percurso ilógico que vai do túmulo ao trono com a coroação da rainha morta.

Ademais, os relatos amorosos e trágicos da história de D. Inês de Castro e D. Pedro apresentam descrições comprovadas documentalmente, mas também estão acrescidos pela imaginação de autores, especialmente poetas e romancistas, que colocam a sua identidade criativa nos seus respectivos escritos. Porém, inegavelmente, essa história épica vem ao longo do tempo sendo recriada de múltiplas formas e em distintos contextos, adaptada para diferentes públicos, tendo como fio condutor o amor infinito de Pedro e Inês. É em meio às características míticas da história de amor trágico do casal que Lilian Jacoto (2008) aponta que a história “afirma uma força que, por natureza, é subversiva, inexplicável e, portanto, incabível na narrativa histórica” (p. 172).

Dessa forma, a autora complementa que a ascensão de Inês ao trono, depois de morta, poderia, por ora, explicar a sua mitificação.

Lilian Jacoto ainda nos traz outra possibilidade hipotética muito valerosa ao referir-se à mitificação de Inês, quando afirma que:

Certas personagens históricas ganham a eternidade mítica quando um povo se reconhece na sua ação, e encontra nelas uma espécie de reflexo de sua identidade mais íntima, como que um substrato da alma coletiva, um arquétipo ou modelo inconsciente de conduta. Pois quando uma personagem transita da História ao Mito, isso equivale a dizer que a sua ação não se esgota na cronologia, no ser em sucessividade, mas passa a integrar o tempo do eterno rito, e estabelece um padrão de conduta de tempos em tempos resgatado, para lembrar um significado remoto da cultura que, entre outros mitos, ela fundamenta (JACOTO, 2008, p. 172).

Dentro dessa perspectiva, e como bem aponta Osakabe (1998), Inês é incabível na narrativa histórica, razão que dá azo a um infindo processo criativo de resgate, renovação, ressurreição e transubstanciação da matéria histórica em matéria mítica, a partir do momento em que sua vida passa a ser (re)vivida e (re)contada em suas mais diferentes formas para além da perspectiva histórica, senão no território do mito. Neste sentido, seu imaginário foi e continuará sendo disseminado em diferentes espaços, tempos, mídias e maneiras possíveis. Este processo vai sendo desvelado pelo tempo, tornando-se cada vez mais patente, além de ser adaptada e levada a diferentes públicos que, independente da idade, podem ser cativados por essa história trágica e mágica de amor, morte e saudade. Neste sentido, a literatura representa um papel fundamental para a divulgação, permanência e atualização desse mito (Jabouille, 1993).

É neste sentido que ao longo dos séculos, escritores, poetas, dramaturgos e ensaístas têm se apropriado desse tema para criar novas obras que reinterpretam a história e a transformam em algo relevante para as gerações subsequentes. Através de poemas, romances, peças teatrais e ensaios e adaptações para diferentes públicos, a literatura mantém viva a narrativa de Inês e Pedro, preservando-a como parte essencial da identidade cultural portuguesa trazendo novos contornos para além do tempo e dos espaços. Essas novas abordagens permitem que o mito seja atualizado e reinterpretado à luz de diferentes contextos históricos e sociais, garantindo sua relevância contínua.

DO MÁGICO: IMAGINAÇÃO DO MITO DO AMOR ATÉ AO FIM DO MUNDO

Nos referindo ao mito de Inês de Castro, algo que nos é evidente é que a imaginação criadora dos autores adorna a história da rainha póstuma de Portugal, immortalizando sentimentos e memórias e fixando cada vez mais essa história de amor infinito nas mais diversas formas de arte e literatura. Neste sentido, Almeida, Andrade e Barros (2021, p. 10) reforçam que esta história de amor trágico, “remove toneladas de pedras espaço-temporais, cuja força e alcance imponente ultrapassou épocas e culturas, sendo reedificada nas múltiplas estéticas, inclusive contemporâneas”.

Essa fortuna artística, em especial literária, é fruto de processos imaginativos que são claramente responsáveis não somente pela perpetuação do mito, mas também pelos seus traços macabros e dramáticos. Esses elementos ajudam a fazer com que a história seja atemporal, e por mais que tenha se constituído há mais de seis séculos, os autores da contemporaneidade a trazem para mais perto do público leitor, ressignificando o mito de diversas formas e criando novas versões que refletem valores e desafios da sociedade contemporânea à luz de diferentes perspectivas teóricas e filosóficas.

A partir desse ponto de vista, e tomando como base a ampla quantidade de obras inesianas recriadas por aqueles que se propõem a tratar dessa tragédia amorosa portuguesa, vemos que a imaginação humana pode ir além dos limites da realidade, preenchendo as lacunas da história com detalhes emocionantes, românticos e dramáticos que tornam a história cada vez mais impactante e atraente. Outrossim, Almeida, Andrade e Barros (2021) ainda reforçam que a imaginação é fundamental para a criatividade, pois permite a criação de novas soluções e possibilidades para diferentes situações. A imaginação, dessa forma, é descrita como um processo ativo, que envolve a busca por novas informações, a reflexão sobre essas informações e a criação de novas conexões e significados a partir delas.

Nesta direção é que tomamos como aporte central para o presente estudo os já citados textos em cordel de autoria brasileira, ou seja, *Almas livres* (ALMEIDA, 2022) e *A história de Inês de Castro ou a dama lourinha que, depois de morta, virou rainha* (SOMBRA, 2011), ambas, como também referido acima, direcionadas ao público infantil, em que há um mundo de fantasias e imaginatividade. Essas e tantas outras obras ilustram a história da rainha Inês, lapidadas por meio do processo criador em potencial desses poetas contemporâneos,

que trazem um olhar terno e singelo para essa tragédia amorosa, encantando ao público leitor de cordéis, em especial o infantil.

Além destes dois cordéis, há um considerável número de obras contemporâneas no contexto das criações inspiradas no mito de Inês de Castro que trazem um olhar reflexivo, não somente para a obra em si e seu contexto histórico, mas também para a atualidade, apontando para questões políticas, sociais, de gênero etc. Entre elas, o texto teatral *Inês de Portugal* (2008), de João Aguiar, escrito originalmente em 1997 como roteiro fílmico. A obra apresenta um olhar contemporâneo sobre a história de Inês e aborda questões como o poder, a política e os valores da sociedade portuguesa da época. Por sua vez, *A Boba* (2006) é um monólogo de uma boba da corte do rei Afonso IV que, por obra do destino traçado pela dramaturga Estela Guedes que a (re)cria, acaba indo viver na lixeira de um computador. A anã, figura contraditória, ambígua, compósita, ao sair da lixeira faz muitas revelações polêmicas sobre a corte portuguesa. Por sua vez, o monólogo “Falas da Castro”, que integra a obra *Antes que a noite venha*, de Eduarda Dionísio (1992), nos traz uma perspectiva de multiplicidade da identidade feminina a partir de três falas de uma mulher comum, designada como Castro, dirigidas a si mesma por meio de um espelho, com quem ela contracenava. Sendo uma, esta Castro termina por ser muitas que (re)vivem, (re)pensam e (re)sofrem o trágico da violação do seu direito à vida, ou, em outras palavras, a epidemia do feminicídio instalado no mundo desde tempos imemoriais. Mulheres que dialogam com tantas outras, mulheres de ontem, hoje e do amanhã. Há também *Noites de Inês-Constança* (2005), de Fiana Hasse Paes Brandão, texto teatral sobre o mito inesiano com três atos e um epílogo. O grande debate que esse texto suscita é uma investigação dos fundamentos de uma relação amorosa em novos tempos e a procura pela natureza essencial do Homem e da Mulher. Nesta obra, Inês e Constança representam as faces inseparáveis da essência do feminino que, paulatinamente vão se confundindo em uma única imagem, a análise da relação homem-mulher e do sujeito consigo mesmo e com o mundo enquanto espaço de existência.

ALMAS LIVRES: DO ENCONTRO DE CRIANÇAS COM O MITO

Em se tratando de um dos autores que abordamos nesse estudo, Leandro Almeida, que escreveu o cordel dramatúrgico *Almas Livres* (2022), atua literária e academicamente como integrante da comunidade leitora Inês&Nós,

sendo atualmente doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Como referido antes, este cordel do autor integra a coletânea *Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (ANDRADE et al., 2022).

Almas livres é um texto dramatúrgico escrito em cordel destinado ao público infantil que possui três cenas e seis personagens: Voz, Professora, Maria, José, Pedro e Inês. Já entrando no contexto das cenas, a primeira delas acontece na sala de aula de uma escola em Alcobaça. A professora está a ler e ensinar sobre a literatura portuguesa dos tempos dos reis, e a certa altura pergunta aos alunos: “Conhecem Inês de Castro/ A dama apaixonada/ Por príncipe casado/ Com sua amiga querida?” (ALMEIDA, 2022, p. 117) e segue contando a história do casal de enamorados, do momento em que Pedro a conheceu e apaixonou-se por ela, até o momento trágico da ira do rei Afonso IV, pai de Pedro, ao mandar matá-la. Fora algo inesperado e catastrófico que “Nem freiras ou padre viu/A morte da loirinha” (ALMEIDA, 2022, p. 118).

Ainda assim, algo alarmante acontece, visto que Pedro deseja vingar-se dos assassinos de Inês e “Para honrá-la e vingar/ Coroa a colocou/ Esqueleto imundo/ Todo o povo beijou/ Sob pena de morte/ A quem também se prostrou” (ALMEIDA, 2022, p. 120). Para finalizar a história, a professora fala sobre os túmulos que Pedro mandou construir em mármore esculpido para abrigar o corpo de sua amada e o seu próprio, quando também viesse a morrer, e, simbolicamente, a memória da sua saudade para que toda a nação portuguesa lembrasse o seu feito. Dentre seus alunos, a Professora fica a saber que somente Maria não havia visitado as jacentes localizadas no Mosteiro de Alcobaça. Em resposta à fala de sua aluna de que convidaria seu amigo José para irem juntos visitar o lugar, a Professora assevera: “Certamente não irão/ Perder sua viagem” (ALMEIDA, 2022, p. 121).

A segunda cena acontece no mosteiro e desobedecendo as regras de limite de proximidade, Maria e José tocam nos túmulos, razão que algo inesperado acontece. Maria tropeça e bate com a mão no túmulo de Inês, razão que desencadeia no despertar da magia: Inês é libertada da arca tumular onde há séculos estava trancada. Sendo tomada de uma eterna gratidão, Inês pergunta “E, quem fez isso por mim? (...) vejo duas crianças/ Que coisa engraçada” (ALMEIDA, 2022, p. 121). Inês percebe que as duas crianças foram as responsáveis por algo tão grandioso, protagonistas da quebra da maldição mediada, ao que se deduz, pela magia da leitura da história de Inês feita pela

Professora na escola. As crianças tomadas ora de susto, ora de encantamento ao ver quão bela era a Rainha Inês de Castro, ficaram extasiadas. Inês, por sua vez, mostrou-se felicíssima por ter sua alma livre, suscitando-lhe o desejo de encontrar o seu amado para também libertá-lo. José, ainda tomado pelo medo, não se mostra animado a se aventurar pelas trilhas da magia e atuar como um elemento catalisador do encontro e da libertação da alma de Pedro. No entanto, Maria, corajosa e destemida, com seu espírito aventureiro, resolve ajudar Inês a reencontrar aquele que é a expressão do amor capaz de mover toneladas de pedras (MURMÚRIOS DE PEDRO E INÊS, 2019), um amor além-vida, seu amado Pedro.

José logo entendeu a grandiosidade do que estava acontecendo com eles e junto a Maria animou-se a desvendar o enigma para a libertação da alma de Pedro do túmulo. Nesse entretanto, José começa a ler a narrativa inscrita nas esculturas esculpidas nos dois jazigos reais. Tocado então pela chama daquele amor espantoso, o menino afirma: “Estou surpreso, Maria/ Com as histórias que há/ Um romance de pedra/ Poderia imaginar?” (ALMEIDA, 2022, p. 124). Impressionado pelas representações entalhadas em mármore na arca tumular, bem como cativado com toda a sua emoção, José move-se atrapalhado de tal modo que “tocou na arca e viu ali o clarão” (ALMEIDA, 2022, p. 124), acabando por empreender um grande feito, vindo a libertar a alma de Pedro, também aprisionada por obra de feitiçaria do artista, conforme relatara Inês. Tomada por imensa felicidade, Inês faz um pedido especial às crianças: “Contem nossas histórias/ Usem o poder da voz/ Da palavra escrita/ Para que isso se repita” (ALMEIDA, 2022, p. 125).

Na terceira cena, em que as crianças estão de volta à escola, José e Maria contam a todos a aventura empolgante que passaram, das almas que libertaram. Entusiasmadas, as duas crianças relataram ao restante da turma que “As almas dos amantes/ Estão livres pra viver [...] Saibam todos da turma/ Fomos agraciados/ Por história profunda/ De encantos quebrados/ Foi o amor quem conseguiu/ Libertar os amados” (ALMEIDA, 2022, p. 126). Mesmo sem se darem conta, exatamente, que o amor por eles referido não estava restrito ao sentimento afetivo que Inês e Pedro sentiam um pelo outro, dado que a revivência deste afeto precisou do entusiasmo e dedicação que José e Maria nutriram pela história pela qual foram tocados, pois a “Liberdade começa/ Onde se nutre o amor” (ALMEIDA, 2022, p. 128). Ainda se sentiram motivados

para contar a todos sobre o amor infinito do casal que em tempo tiveram suas almas libertas, podendo estar presentes onde assim o quisessem.

Almas Livres reitera, literariamente, a hipótese defendida e comprovada na pesquisa de pós-doutorado de Andrade (2021), intitulada *Inês&Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil*, e em outros estudos aplicados realizados como desdobramentos de seus resultados (ALMEIDA, 2021; SOUSA, 2021) de que, para além do túmulo, o infindo amor e a história de Inês e Pedro perduram nas salas de aulas, ultrapassando fronteiras geográficas ao longo do tempo, constituindo-se como matéria para escrita de muitas outras histórias que procedem, fazendo (re)nascer e chegar cada vez mais além a memória do amor infinito de D. Pedro de Portugal e D. Inês de Castro.

Se pararmos para analisar a figura de Inês enquanto personagem do texto dramático em questão, lembrando que, assim como aponta Décio de Almeida Prado (1970), “nossa visão dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada” (PRADO, 1970, p. 24), observamos que Inês, diante das múltiplas indeterminações do texto literário, se apresenta em *Almas Livres* com muita sensibilidade, ou seja, como uma mulher que, após ser liberta de um túmulo, anseia pela presença do seu amado, sendo o primeiro desejo expressado pela personagem: “Vamos libertar Pedro/ Que na prisão não fique” (ALMEIDA, 2022, p. 123).

Ao mesmo tempo, Inês não deixa de expressar sua imensa gratidão por aqueles que libertaram a sua alma. Em vista disso, observa-se em primeiro plano que ela tinha em si grandes virtudes, de modo que a gratidão é um dos maiores atributos do ser humano, dado que ela também demonstra sua indignação ao ser enganada e aprisionada por um feiticeiro sem motivo algum, isto é, “Gente louca sem pudor/ Não acredita no amor” (ALMEIDA, 2022, p. 123). Inês só queria viver um amor pleno e que extraordinariamente se perpetuaria, contudo, possivelmente ela não imaginaria a força desse sentimento que continua a ser vivificado há mais de seis séculos.

Ainda dentro dessa visão analítica da figura de Inês, observamos que ao final da Cena 2, descrita como *No Mosteiro de Alcobaça*, a heroína expressa o seu segundo e ardente desejo: “contem nossas histórias” (ALMEIDA, 2022, p. 125). Revelando o anseio que sentia para que tudo o que ali sucedeu fosse transmitido para além daquele tempo, de forma que as crianças utilizassem “o poder da voz” e da “palavra escrita” para semear este amor por entre a sua

geração, seria essa sua utopia realizável. Por isso, concebemos que “Inês é viva!”, expressão que intitula o projeto de pesquisa desenvolvido por Andrade (2007) com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian junto à Universidade do Algarve, cujo subtítulo é “a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina”.

Referente aos outros personagens, a menina Maria e o menino José, observa-se que eles veem Inês como uma mulher apaixonada, que exalava beleza, uma “paz infinda” e que vivia um “romance de pedra” com o seu amado Pedro, não somente pelo fato de suas almas, além de seus corpos, terem sido aprisionados nos túmulos. Nota-se ainda que, na percepção das crianças, Inês é vista como alguém cuja capacidade de amar Pedro seria imparável, ou seja, ela mostrava-se incapaz de aplacar o sentimento nutrido pelo amado, como também tal afeto marcava-se pela própria solidez e por sua imensidão e até onde ele pôde chegar – à vida além-túmulo – em toda a sua integridade.

Algo bem singular que também deve-se destacar, relativamente ao modo como a figura inesiana é reconstruída em *Almas Livres*, do ponto de vista de Maria e de José, é que “As crianças percebem/ Sua vontade de viver” (ALMEIDA, 2022, p. 124). Para além do que se explicita nessa passagem notadamente quanto ao gosto de apreciar não só o fato de se ter vida, mas também a vida que se tem, anote-se que tal “vontade de viver” remete a uma outra dimensão da existência em um único tempo e em determinado espaço. Esta interpretação encontra consonância com o que é dito posteriormente sobre o desejo de Inês, ou de sua alma, de querer que José e Maria transmitissem a todos o mito dos amores de Pedro e Inês, como referido acima, reivindicando para si o estatuto literário-político de figura de ficção reexistente e resistente, no sentido de ser posta pedagogicamente em circulação com propósitos de sensibilização e conscientização precoce em relação à violência de gênero, em particular em contextos escolares (ANDRADE, 2021).

Portanto, não somente no contexto do cordel dramatúrgico *Almas Livres* (2022), aqui analisado, mas no da literatura inesiana em geral, Inês de Castro mantém-se viva, pulsante e livre a inspirar gerações pela sua coragem de mulher forte o bastante no enfrentamento de convenções sociais que rompeu para viver livremente.

A DAMA LOURINHA: DAS LINGUAGENS DA INFÂNCIA

Fábio Sombra, além de poeta e cordelista, é músico repentista, pesquisador e ilustrador da cultura popular, aspecto este que aborda em suas obras literárias infanto-juvenis. O autor costuma utilizar elementos modernos que atraem a atenção do público leitor. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupante da cadeira 3, dedicada ao poeta Firmino Teixeira do Amaral.

A lenda do violeiro invejoso e Vladimir e o navio voador, livros que publicou em 2005 e 2014, respectivamente, foram premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) com o selo de altamente recomendável para os jovens. Entre suas obras, citamos ainda *A bruxa Jezibaba e a menina bordadeira* (2014), *A peleja do violeiro magrilim com a formosa princesa Jezebel* (2008), *Armando e o mistério da garrafa* (2009) e *As dez filhas do seu João* (2010), além da que selecionamos para o presente estudo, *A história de Inês de Castro, ou a dama lourinha que depois de morta virou rainha* (2011), sobre a qual passamos a tratar a seguir.

Já sabemos que a história de Inês de Castro é uma das mais conhecidas de Portugal e que foi objeto de inúmeras representações artísticas, sobretudo literárias, ao longo dos séculos, além de que sua representação focada nas relações entre amor e tragédia tem sido fonte de inspiração para diversos autores de obras literárias ao longo dos anos, sendo adaptada para diferentes públicos, inclusive o infantil. Entre tantas obras adaptadas para crianças e jovens, destacamos aqui o cordel escrito por Fábio Sombra, que explora os eventos protagonizados por personagens ligados à Rainha Póstuma de Portugal utilizando-se de uma perspectiva em que o trágico do episódio é amortecido pela linguagem prosaica e bem humorada comum à literatura de cordel, sem deixar de enfatizar valores como amizade, coragem, amor verdadeiro, bem como a capacidade de superar obstáculos.

Referente à justificativa para a escolha desta leitura comparativa de um cordel dramático com um cordel ilustrado, fora devido ao fato de termos observado que ambos apresentam semelhanças significativas em termos de abordagem criativa da temática inesiana por meio de diálogos entre os principais personagens históricos. Esses diálogos entre personagens mais expressivos, podem sugerir, no contexto do cordel ilustrado, por exemplo, que esta obra contém uma estrutura que se assemelha à de um texto dramático.

Se no cordel dramatúrgico *Almas Livres* há a disposição de falas dialogadas entre personagens centrais, a exemplo de Inês de Castro e D. Pedro, no cordel ilustrado (...) *A dama loirinha* (...), observamos o que seriam diálogos entre a voz narrativa e/com personagens como D. Afonso IV e os três fidalgos conselheiros. Assim, no caso do cordel ilustrado, podemos compreender que por meio do recurso da fala da voz narradora, acompanhada das ilustrações, há a presença de uma ação dialogada próxima a uma ação dramática, possibilitando que os leitores se conectem efetivamente com a história e, por conseguinte, entendam as motivações por trás das ações dos personagens.

Ainda podemos notar que as xilogravuras criadas por Sombra (2011), são utilizadas não apenas para potencializar a compreensão da história, adicionando uma dimensão visual à experiência de leitura de forma mais imersiva para os leitores, mas também para abrir caminhos para outras práticas leitoras da obra, a exemplo das que se podem realizar com recursos do teatro. Há pois, além da ilustração da capa, em que vemos o par amoroso, quatro outras ilustrações que sugerimos ser concebidas como cenas: a primeira (p.12-13) apresenta os personagens Constança, Inês e Pedro; a segunda (p. 18-19), Inês e os fidalgos conselheiros; a terceira (p. 22-23), o cadáver esquelético de Inês instalado no trono e sendo beijada na sua mão por um nobre. Diríamos, portanto, que essas xilogravuras sugerem possíveis representações das/dos personagens que poderiam inspirar crianças e jovens numa atividade criativa de encenação ou de leitura encenada, em que figurinos e cenários característicos da realeza portuguesa do século XIV se fundem aos do universo sertanejo do Nordeste do Brasil.

Ao analisarmos este cordel de Fábio Sombra (2011), observamos a presença de uma poética para além dos elementos estritamente textuais destacados na escrita do poeta. O cordelista inicia a sua narrativa enfatizando que a história contada é real, com uma mistura da lenda ao enredo original em forma de cordel. No decorrer da narrativa híbrida de história e de lenda, observa-se que Inês, como na grande maioria das obras inesianas, para não dizer na totalidade, é destacada por sua beleza, dado que a protagonista é apresentada pelo narrador como “Uma jovem, loura e esguia” (SOMBRA, 2011, p. 12) e por tais atributos era temida entre as mulheres, em especial D. Constança Manuel, esposa de Pedro.

Sabe-se que Pedro não foi capaz de resistir a tamanha beleza da Castro e logo se apaixonou em desvario pela dama lourinha. Mesmo em meio às contrariedades políticas, sociais e familiares, o afeto desmedido entre o par

amoroso permanecia e em ritmo crescente. Fábio Sombra preserva os traços mais marcantes da vida de Inês de Castro, desde a sua paixão avassaladora pelo jovem Pedro, a separação do casal por ordens do rei D. Afonso IV, pai do infante de Portugal, seu exílio de volta para o Reino de Castela, seguido mais tarde de sua morte, a vingança de Pedro, tratando-os de forma abrandada ao longo dos versos pelo recurso linguístico do humor característico da literatura de cordel, apresentando temas importantes da condição humana de uma maneira acessível e compreensível para o público destinado, estimulando reflexões apropriadas à sua faixa etária.

Inês de Castro, no enredo recontado por Sombra, é delineada como uma mulher demasiadamente corajosa que ama seus filhos e que, ao ser surpreendida pelos seus algozes, clama por piedade: “Tenho filhos pequeninos/ E a mais nova mama e chora/ Senhores, poupem minha vida/ É uma mãe que vos implora!” (SOMBRA, 2011, p. 18), autodeclarando-se, portanto, sua condição de mulher-mãe disposta a humilhar-se por sua prole. Mas, nem isso foi suficiente, para anular a alegada razão de estado, pela qual terá sido (im)preciso que Inês fosse morta e assim se tornasse eterna, revivida incessantemente séculos depois por artistas e estudiosos, seja como símbolo da força e ousadia de mulheres que lutam por sua liberdade, seja como expressão simbólica da identidade cultural portuguesa, ou ainda, como enigma cujo magnetismo atrai apreciadores de sua história para além das fronteiras lusófonas.

Assumindo o trono português após a morte do seu pai, Pedro desenterra e coroa a sua amada. O reconto produzido por Sombra em versos de cordel destaca: “A defunta em belos trajes/ (em seu trono, sentadinha)/ Teve as mãos secas beijadas/ Pela nobreza mesquinha/ Triste Inês: depois de morta/ Pôde, enfim, virar rainha” (SOMBRA, 2011, p. 23). Esta estrofe é exemplar do processo de adaptação feito pelo poeta, a partir do verso posto entre parênteses. O uso do adjetivo no diminutivo – “sentadinha” – utilizado para referir o que conta a lenda sobre a cerimônia da coroação, incluindo o tétrico beija-mão a que foram obrigados nobres e vassalos da corte portuguesa sob as ordens de Pedro, tanto resume como simplifica a complexa trama do episódio inesiano quanto também ameniza seus elementos violentos e trágicos, inclusive os mais macabros pertencentes à dimensão da lenda e do mito. Tal procedimento linguístico é reconhecido no contexto da poesia de cordel, em que a recriação de temas e enredos tradicionais vale-se da utilização de palavras e expressões

que são compreensíveis e adequadas ao público destinatário a que se dirige quem reconta a história (AYALA, 1997).

As ilustrações na forma de xilogravura, criadas por Fábio Sombra, dão um toque mágico para a sua (re)invenção da história de Inês, argumento que dialoga com as ideias de Almeida, Andrade e Barros (2020), de que a relação entre o texto e a imagem é o sustentáculo da adaptação-encantamento, a qual repousa, sobretudo, pela maneira como uma história de natureza trágica pode ganhar encanto e brilho a ponto de ser comparada com um conto de fadas, pelas suas características mágicas e fantasiosas. Anote-se, portanto, que estes outros recursos do campo imagético-visual utilizados pelo poeta guardam uma potência performativa evidente que pode impactar, de modo ampliado, as/os leitoras/es quando na leitura do cordel forem estimulados a construir, na imaginação, uma representação “teatralizada” das personagens e suas ações ao longo do enredo recontado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que as duas obras analisadas no presente artigo são voltadas especificamente para o público infanto-juvenil, sendo um contributo relevante para este público, seja em questões voltadas ao amadurecimento emocional de forma saudável, ajudando a lidar com emoções de maneira orientada; ou até mesmo em relação à própria compreensão do mundo, oferecendo uma visão ampla e realista ao seu redor, sabendo que, enquanto sujeitos, estamos expostos a situações difíceis e às vezes emocionalmente dolorosas que devem ser enfrentadas.

Dessa forma, as narrativas exercitam a criatividade e a imaginação de pequenos leitores de literatura, contribuindo também para a construção de valores essenciais para o seu desenvolvimento, “além de ingressarem num mundo de fantasia a ser descoberto, onde se deparam com histórias que divertem, fazem sonhar, suscitam dúvidas, dão respostas e apresentam novas emoções” (DANTAS, 2019, p. 7).

Dentro desse contexto de ficção e realidade na literatura infanto-juvenil, evidenciamos a relevância da leitura de histórias trágicas para crianças de forma ressignificada com temáticas que envolvem cenários desoladores de morte, vingança e conflitos familiares, revelando facetas humanas que não convêm ao imaginário infantil sem passar por um processo de adaptação. Nessas

adaptações destinadas a alcançar efetivamente de maneira contextualizada as/os pequenas/os leitoras/es são usados recursos diferenciados de construção de significados para que este público seja, aos poucos, preparado para lidar com situações semelhantes em sua vida e levados à reflexão de acordo com o seu nível de amadurecimento emocional acerca, por exemplo, da violência contra a mulher e da prevenção ao feminicídio.

Tomando como inspiração as ideias de Foucault, particularmente as postulações teórico-práticas descritas em *A criança, o professor e a leitura* (1997), compreende-se que a leitura literária para crianças, sobretudo, é um meio de conscientização e ampliação da visão de mundo. É, pois, a partir dela que se abre um horizonte de possibilidades de interpretação do mundo, no sentido de que quem lê aceita o convite de quem conta histórias e embarca na viagem proposta pelas trilhas da imaginação, desencadeando um processo de encantamento que começa geralmente na infância. Este florescimento, quando estimulado de maneira significativa, amplia as possibilidades desta pessoa leitora para atuar em sociedade no exercício de sua cidadania de maneira crítica e mais consciente dos desafios contemporâneos (FOUCAULT, 1997).

Observa-se também que esse processo de adaptação pode estimular a empatia, de maneira que ao se identificarem com as personagens e compreenderem as lutas travadas por elas, as crianças aprendem a se colocar no lugar dos outros, reconhecer suas emoções e exercitar a compaixão; além de lhes proporcionar o conhecimento de uma linguagem rica e variada, a exemplo da linguagem de cordel das duas obras analisadas nesse estudo, de tal forma que aproxima a criança de uma variedade de expressões da linguagem, contribuindo para o desenvolvimento da expressão verbal. Essa forma de expressão possui características marcantes que tornam a leitura de textos em cordel numa experiência especial para as crianças, de maneira que os versos rimados e ritmados desta literatura facilitam a memorização e a fluência da leitura, auxiliando no desenvolvimento da habilidade linguística das crianças. Essa musicalidade presente na linguagem da poesia de cordel também torna a leitura mais interessante e prazerosa, estimulando o gosto pelos livros e pela poesia.

Para além dessas questões, cabe acentuar que o contato com obras dessa natureza, mediada pelos professores, também proporciona reflexões de cunho ético, de maneira que as crianças são levadas a pensar sobre valores, justiça e responsabilidades, ajudando-as, em específico, a se desenvolverem

nesta dimensão da vida em sociedade. Além disso, histórias trágicas adaptadas ajudam a estimular a criatividade e a imaginação, na medida em que estas podem envolver elementos fantásticos, emocionantes e desafiadores, aguçando o imaginário inventivo.

Assim, crianças e jovens são levadas/os à reflexão em vários aspectos, sobretudo no que se refere à condição da mulher para além do lugar de vítima em que socialmente é posta inúmeras vezes, mas a mulher enquanto protagonista de sua própria história, como acontece nas adaptações da história de Inês de Castro citadas neste estudo. De igual forma, tais produções podem ser tomadas como ponto de partida para a criação de histórias narradas, teatraalizadas, gravadas em áudio e/ou vídeo (ANDRADE, 2021; ALMEIDA, 2021; SOUSA, 2021), além de desenhos e outras manifestações artísticas por parte de quem as lê, mostrando que não há limites para a imaginação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. A imaginação na constituição do mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro. In: CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. E-Book VII CONEDU, Vol. 2. Campina Grande: Realize, 2021, p. 250-268. Disponível em: <https://bit.ly/3NgOprX>. Acessado em 18/06/2023.

ALMEIDA, Leandro. Almas Livres. In: ANDRADE, Valéria; FERREIRA, Lurdes; NEVES, Manuel; BARROS, Marcelo; BARROS, Rafael; ALMEIDA, Leandro (Orgs.). **Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro** – Campina Grande: EDUEPB, 2022, p. 117- 128. Disponível em: <https://curt.link/EHu7X4>. Acessado em 19/06/2023.

ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós: uma aplicação do método LerAtos na formação de professores leitores pela mediação do mito de Inês de Castro**. 2021. 220f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/jg9aM>. Acessado em 06/08/2021.

ALMEIDA, Leandro; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. **Texto, imagem e projeto gráfico na obra *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani:** por uma adaptação do mito português de Inês de Castro para crianças. *Sociopoética*, v. 1, n. 22, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/260>.

ANDRADE, Valéria. **“Inês é viva!”:** a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina. Projeto de Pesquisa apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian como requisito à seleção de Bolsa de Estudos Portugueses. Lisboa-Portugal, 2007.

AYALA, Maria Ignez N. Riqueza de pobre. **Literatura e Sociedade**. v. 2, n. 2, 1997. P. 160-169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/15694>.

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *Noites de Inês-Constança*. Assirio & Alvim, 2005.

DANTAS, Eva L. A. A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores. *Caparaó*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 12, 2019. Disponível em: <https://www.revista-caparao.org/caparao/article/view/12>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

DIONÍSIO, Eduarda. *Antes que a noite venha*. Cotovia, 2006.

FOUCAMBERT, Jean. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIL, A. Pedro. *Os grandes julgamentos da história: o processo de D. Inês de Castro*. Lisboa: Otto Pierre, 1975.

GUEDES, Maria Estela. *A Boba (Monólogo em três insônias e um despertador)*. Prefácio de Eugénia Vasques. Lisboa: Apenas Livros, 2006.

OSAKABE, Haqira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs). *Sobre as Naus da Iniciação: estudos portugueses de Literatura e História*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.105-117.

JACOTO, Lilian. A paixão de Pedro e Inês: o clássico e o surreal. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). Inês de Castro: a época e a memória. São Paulo: Alameda, 2008. p.171-184.

MURMÚRIOS de Pedro e Inês. Dança em Diálogos - YouTube, 13 de outubro de 2019 (01m22s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uOMbh6w_hx8. Acessado em 17 de julho de 2023.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 9-38.

SOUSA, Rafael Barros de. Inês & Nós em perspectiva: um jogo sério para a formação leitora e o diálogo intercultural pela mediação do mito de Inês de Castro. 2021. 153f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3788>. Acessado em 06/08/2023.